

SENTIDO E GOZOⁱ

Pierre Skriabineⁱⁱ

Em janeiro de 1980, em uma das últimas lições de seu *Seminário*, intitulada “O Outro falta”ⁱⁱⁱ, Lacan propôs o termo de inconsciente irreduzível. Irreduzível ao significante, irreduzível ao saber, irreduzível ao sentido. É claro que há sentido no inconsciente; é daí que provém a própria descoberta de Freud, a de que esse sentido escondido insiste em ser desvelado e reconhecido, ao preço do sofrimento do sujeito; mas, para além disso, mesmo contrariamente a esse sentido, aquilo de que se trata igualmente no saber inconsciente é a maneira pela qual o sujeito goza disso, é a maneira pela qual o gozo se aloja aí, na materialidade mesma do significante, em sua combinatória, em sua cifragem, e sem mais qualquer consideração quanto ao sentido.

Desde então, contentar-se com o sentido é o impasse que se apresenta para extraviar a psicanálise – o sentido então é como sabão que lhe facilita o deslize para a psicoterapia e para a depreciação psicologizante que exclui o desejo do psicanalista. Mas negligenciar o sentido não seria menos um contrasenso para a descoberta freudiana.

Essa questão nos leva então a um ponto essencial do que mobiliza a experiência analítica a partir desse conceito fundamental, um dos quatro que Lacan distinguiu, o inconsciente. Nesse conceito, tanto em sua abordagem teórica quanto em sua abordagem clínica, empregamos o maior rigor para distinguir, desimbricar, desenodar, explicitar as coordenadas do que aparece como um paradoxo, dessa substituição, na experiência analítica, do sentido pelo gozo, aí onde primeiro escondia o segundo, e do qual o inconsciente é tanto o campo quanto o rastro.

Retorno, portanto, aos fundamentos da doutrina e da prática psicanalíticas: essa questão nos leva do que há de cortante na descoberta freudiana ao extremo do ensinamento de Lacan, ao “último Lacan”, aquele depois de 1970.

Um saber sem sujeito

Partamos da descoberta freudiana. Ela se funda sobre uma constatação: a constatação de que um sujeito apresenta sintomas, dos quais sofre e dos quais fala para se queixar, de problemas pontuais, que afetam, apesar dele, sua fala ou seu comportamento, como o lapso ou o ato falho; ou ainda a constatação de que o sujeito sonha ou faz chistes, e se encontra, ele mesmo, surpreso com o que lhe vem disso.

Freud se detém sobre o sonho, o chiste, o lapso, o ato falho, porque ele viu que esses fenômenos têm a mesma estrutura e a mesma ordem de causalidade que o sintoma; e, ao mesmo tempo, atualizando-lhes as estruturas, Freud descobre aquela do sintoma e aquela do inconsciente.

Esses fenômenos, formações do inconsciente – dos quais ele mostra que uma decifração é possível, e que acaba em uma interpretação – têm, além disso, em comum o fato de que se impõem ao sujeito dismantelando seu domínio ou sua vontade: o que o sujeito diz, faz ou sente não é o que ele queria dizer, fazer ou sentir; nesses contextos, como *eu (je)*, ele não está com nada.

Freud aborda esses fenômenos pela fala, pela narrativa do sonho, pela associação livre; e Lacan dirá que “o inconsciente, isso fala”. Ora, a fala, ela é feita para dizer, fabrica mensagens; portanto, como é que o inconsciente fala e o que ele diz?

“O inconsciente é estruturado como uma linguagem” é a maneira através da qual Lacan nos formula o “como isso fala” do inconsciente, a partir do método de decifração de Freud, método “à la Champollion”, como sublinha J.-A. Miller, no qual Lacan pode reconhecer que se trata de significantes e de sua combinatória ou, dito de outra forma, das leis da estrutura da linguagem – metáfora e metonímia.

“À la Champollion” é o que faz referência à escrita, e nos leva a examinar as afinidades do inconsciente com a letra.

É conhecida a imagem freudiana do inconsciente como carta enigmática (*rébus*) a ser decifrada.

Uma carta enigmática (*rébus*) é uma escrita, uma escrita que não se lê, mas que é suposta como decifrável. A imagem, na carta enigmática (*rébus*), vale como significante, mas não tem mais nada a ver com o significado; por exemplo, a imagem de um *seau*, desse utensílio que é um balde (*seau*) de água será, como significante, o suporte material do fonema “so”, que poderá valer como tal na composição de uma palavra (por

exemplo: *seau*, *lit*, 2), mas que poderá valer também para *sot* (estúpido) ou *saut* (salto), ou ainda, *sceau* (chancela, carimbo), ou para a cidade de Sceaux^{iv}.

Sublinhemos, de passagem, que é precisamente assim que procede a língua japonesa na leitura dita *on-yomi* de caracteres chineses: eles valem somente como caracteres representando um fonema (sua pronúncia em chinês) sem relação com seus valores semânticos e, quando a gente escreve, translitera as palavras japonesas com a ajuda desses caracteres, do mesmo modo como se a gente pudesse escrever em francês com esses mesmos caracteres chineses.

Essa escrita nos presentifica exatamente o que é a letra: a letra é o significante como destacado de seu valor de significação, destacado do significado. A escrita, também, implica a decifração e a criptoanálise.

Por isso, não há por que se impressionar quando Lacan profere, no fim de seu Seminário 11, que o escrito não é para ser lido^v. Nisso, Lacan é perfeitamente freudiano: o escrito se criptoanalisa, se decifra. É muito mais a fala que é para ser lida.

Ela é para ser lida porque, como Lacan faz valer em 1958, com sua “Instância da letra” publicada nos “Escritos”, já há letra na fala. E isso se dá pela materialidade mesma do significante na fala, que procede de um sistema fonético articulado e diferencial; o que Lacan nota é que um fonema funciona como um elemento significante destacado do significado, e que a estrutura fonêmica é, então, literal.

Se o inconsciente é questão de escrita, trata-se desse nível de escrita em jogo na fala. Também a psicanálise não procede pela escrita; não fazemos análise por escrito; ela procede pela fala. É a fala que se presta, de uma parte, a esses obstáculos, a esses tropeços ou, ainda, aos jogos de equívoco nos quais se revela o inconsciente, e, de outra parte, à associação livre – a associação livre, notemos de passagem, não tem nada de natural, é um trabalho do analisante.

A psicanálise procede pela fala que se dá entre o sujeito e o analista e que coloca em jogo não somente sua dimensão de enunciado, mas também seu valor de enunciação. Certamente, o escrito, para retornarmos a ele, não se reduz ao enunciado. Mas, como enunciação, ele é congelado, escapa ao *hic et nunc*, assim como ao jogo da intersubjetividade. O escrito, uma vez produzido, é sem surpresas. Enquanto que, ao contrário, é na surpresa que se manifesta, que jorra o inconsciente. Mas não há, então,

contradição com esta imagem da carta enigmática (*rébus*) que evocávamos há pouco? Não, e duplamente.

Em primeiro lugar porque, antes da carta enigmática (*rébus*), há a fala, a relação do sonho, a queixa do sintoma, o lapso, o chiste. É a parte deles de enigma – cuja emergência como tal, assim como, por outro lado, a resolução, provoca a surpresa – que constitui o que se transmite como uma carta enigmática (*rébus*).

Em segundo lugar, porque carta enigmática (*rébus*) se decifra e é, assim, uma escrita que pode finalmente se deixar ler, que pode não continuar indefinidamente a fazer mistério. É uma escrita redutível ao sentido, e corresponde à idéia de um saber inconsciente ao qual, pela análise, o sujeito pode encontrar acesso.

Dito de outra forma, na fala, o que há para decodificar, ler, é a mensagem que está entre linhas: é o que se faz em uma psicanálise. O inconsciente é o que se lê, como o sublinha ainda Lacan, é o que se lê para além do que o sujeito diz: quer dizer que podemos dar uma outra leitura a uma cadeia significante, ao que ela significa; esta leitura outra é a interpretação.

Somos conduzidos, assim, à segunda questão: “o que isso diz?”. Freud, em cada um dos numerosos exemplos de *A interpretação dos sonhos* ou de *A psicopatologia da vida cotidiana*, para cada sonho, para cada lapso que relata, ele se esforça para nos dizer o que aquele sonho, aquele lapso quer dizer. O inconsciente, como o formulará Lacan, é “uma cadeia significante que [...] insiste”^{vi}. O que nos indica que essa cadeia enigmática de significantes recobre uma significação; isso não está aí à toa, isso indica alguma coisa, isso converge em direção a alguma coisa: em direção a uma significação, e não importa qual, sem que o sujeito, por outro lado, tenha algum controle disso.

Todos se lembram do caso do esquecimento da palavra *aliquis* em uma citação, destacado por Freud em *Psicopatologia da vida cotidiana*^{vii}. Esse esquecimento é feito por um viajante com quem Freud conversa em um trem. Quanto a esse ato falho de seu interlocutor que, por outro lado, contesta justamente suas idéias sobre o inconsciente, Freud o submete ao jogo de associações, a partir *aliquis*, essa palavra esquecida. E as associações, as conotações convergem para uma significação única que Freud comunica a seu interlocutor estupefato: trata-se da preocupação deste último quanto a eventual gravidez de sua companheira e de sua possível paternidade. O viajante, claro, não queria

dizer nada sobre suas preocupações mais íntimas, e não sabia que ele o fazia: a mensagem é formulada, é articulada na série de termos, na série significante, sem que o locutor o saiba, sem a menor intenção de sua parte, sem que ninguém, portanto, a formule. Nesse caso que, notemos, não é extraído de um tratamento, o que é inconsciente é a evocação de uma inquietude que, por sua vez, é bem consciente; a mensagem estava inconsciente, em seu endereçamento a Freud, e bem formulada pelo viajante, apesar dele e embora ele fosse precavido.

O inconsciente se mostra ali pelo que ele é, um saber do qual o sujeito “não sabe nem o sentido, nem o texto”, sujeito que “não sabe o que diz, nem mesmo que fala”, tal como escreve Lacan em “Subversão do sujeito e dialética do desejo”^{viii}. Em 1967, em “O engano do sujeito suposto saber”, Lacan retorna sobre o fato de que o inconsciente possa se dizer qualquer coisa sem que nenhum sujeito o saiba: O inconsciente é “alguma coisa que se diz sem que o sujeito se represente aí, sem que ele se diga aí, – sem que ele saiba o que diz. [Que ele] possa ter aí um dito que se diga sem que se saiba quem diz, é disso que o pensamento se furta”^{ix}.

Temos assim o maior escândalo da descoberta freudiana: não é o sexo, o esclarecimento do sentido sexual – que, como o diz Lacan, jorra aos borbotões –, mas, sim, que esta descoberta revela a divisão do sujeito e rejeita definitivamente a idéia de sua unidade, a idéia de um sujeito que sabe o que faz e o que diz.

O sintoma como mensagem

Freud mostra que ela é causal essa mensagem sem sujeito, essa significação que insiste em uma cadeia significante, constituindo um saber do qual o sujeito não sabe. Ela se exprime nas formações do inconsciente e, em particular, no sintoma.

O sintoma se diferencia de outras formações do inconsciente por sua constância, e constitui, não nos esqueçamos, o ponto de partida de Freud.

Relembremos a função do sintoma, tal como Freud a desenvolve de início, apresentando-a como formação de compromisso, efeito do conflito entre moções pulsionais e a censura que as impede de se exprimirem como tais. Como resultado, o

sintoma, compromisso portanto entre as exigências pulsionais que colocam em jogo o corpo e as exigências que se mantêm nos ideais que foram inculcados no sujeito e aos quais ele se identifica.

Lacan, leitor rigoroso de Freud, elaborou e estruturou a noção freudiana de sintoma a partir das ferramentas novas constituídas pela lingüística, pela teoria da comunicação e pelo estruturalismo.

De início, o sintoma se apresenta como mensagem. Lacan acentua essa abordagem em “Função e campo da fala e da linguagem”.

O que está operando, nesse momento do ensino de Lacan, é uma concepção dialética da psicanálise, uma dialética do sujeito, de um sujeito que se funda apenas por seu reconhecimento e sua determinação, questão que ele coloca ao Outro. Do Outro, ele espera a revelação de sua significação em uma fala verdadeira. O sintoma, nesse contexto, se define a partir da verdade e do recalçamento: é o retorno do recalcado, enquanto que o recalçamento é a censura da verdade.

O sintoma, nos diz Lacan em “Função e campo da fala e da linguagem”, “é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito[,] ele participa da linguagem[,mas] é uma fala de pleno exercício, pois ela inclui o discurso do outro no segredo de sua cifra”^x. Esse sintoma, como formação do inconsciente, é “estruturado como uma linguagem, é uma linguagem da qual a fala deve ser liberada”^{xi}. O sintoma é, portanto, a ser decifrado, é uma carta enigmática (*rébus*), um escrito a ser lido, sua significação está escondida, é uma verdade que insiste. Nesse sentido, Lacan pode dizer que o sintoma é um significado do Outro, ou seja, uma mensagem como saber do Outro, saber enigmático que o sujeito tem de decifrar.

Nessa acepção, o sintoma como saber só pode ser apreendido através do Outro da linguagem, na linguagem como estrutura. Ele e, nesse momento, conhecido como absorvido no Outro: é o Outro que pode liberar-lhe o sentido. É, portanto, uma mensagem escondida, uma mensagem cujo sentido não é conhecido do sujeito, mas que traduz um saber, um saber inconsciente. Como a censura impede que essa mensagem seja expressa abertamente, ela é representada de maneira enigmática pelo sintoma. A psicanálise, pelas duas modalidades da fala que o dispositivo analítico ordena – a associação livre do lado do analisante, a interpretação do lado do analista – pode permitir o esclarecimento da

mensagem latente do sintoma, ou seja, produzir um enunciado que diz o que o sintoma quer dizer.

Pois o que prova que o sintoma é uma mensagem é justamente o fato de que descobrir seu sentido escondido o transforma, o faz desaparecer – nos melhores casos. Em todo caso, é isto o que escreve Lacan em 1953: “tais são os hermetismos que nossa exegese resolve, os equívocos que nossa invocação dissolve, os artifícios que nossa dialética absolve, em uma liberação do sentido aprisionado, que vai da revelação do palimpsesto à palavra dotada de mistério e ao perdão pela fala”^{xii}. O sintoma desaparece porque ele se torna sem objeto uma vez que a mensagem é liberada, reconhecida pelo sujeito, após haver ultrapassado, pelo trabalho analítico, a barreira da censura. Feito isso, o sintoma não tem mais objeto, mais função. Verifica-se assim, *a posteriori*, que, se o sintoma estava lá, era para portar, para traduzir esta mensagem extraviada^{xiii} que não podia se dizer de outra maneira. Essa mensagem exprime uma verdade que exige ser reconhecida, a verdade do inconsciente do sujeito. A insistência dessa exigência se manifesta no caráter permanente, repetitivo, do sintoma.

Faremos aqui duas observações. A primeira incide sobre o estatuto ético do inconsciente, que não é “uma espécie que define na realidade psíquica o círculo do que não tem o atributo (ou a virtude) da consciência”^{xiv}, como diz Lacan. O inconsciente é, a princípio, o lugar de um saber, de um saber do qual o sujeito não sabe, mas que, ainda assim, o determina até nos seus comportamentos e nos seus afetos, isto é, até no mais íntimo. Esse saber, cujo sintoma, como mensagem, é o índice, é endereçado ao próprio sujeito, a princípio, mas, também, na análise, ao analista. Exprime uma verdade que exige ser reconhecida, e que insiste. Implica, então, o Outro, nas duas primeiras acepções que Lacan dá a esse termo, ou seja, não somente como tesouro dos significantes (o lugar do conjunto dos significantes), mas também como lugar da Verdade. Isso implica que o inconsciente, extraído assim do campo do Outro, só sentido nesse campo, e com a condição de que o sujeito seja engajado em uma perspectiva da verdade, ou seja, que ele esteja decidido a saber alguma coisa da verdade do inconsciente. O inconsciente, assim, não é substancializável de modo algum, é um saber, e seu estatuto é ético.

A segunda observação é concernente ao sentido e à significação. A significação tem sua objetividade; ela é gramatical, ligada à frase e a sua finitude, tal como o ilustra o

ponto de estofo que é o cerne do grafo de Lacan: “ponto de estofo pelo qual o significante detém o deslizamento diferentemente indefinido da significação”, escreve Lacan em “Subversão do sujeito e dialética do desejo”; e ele ilustra isso com a frase seguinte: “na medida em que ela só capta sua significação com seu último termo, cada termo sendo antecipado na construção dos outros, e inversamente, selando o sentido deles por seu efeito retroativo”^{xv}. Esta distinção não é assim tão simples em Lacan, e aqui o emprego desses dois termos na mesma frase o denota muito bem. E, por exemplo, Lacan diz: “a frase só existe finalizada e seu sentido lhe vem *a posteriori*”^{xvi}.

Mas isso não é contraditório, se nos referimos, no que concerne à significação, ao nível do enunciado, ao nível do que cada um que partilha o mesmo sistema de código, a mesma língua, poderá apreender isso num nível puramente informativo.

É o que acontece, por exemplo, no trabalho de tradução. Mas tomemos um exemplo mais geral. Que o leitor consinta a imaginar que, em vez de me ler, ele escutasse o endereço seguinte, por ocasião de uma de nossas atividades de ensino: “Onde situar sentido e significação se eu digo a vocês: ‘são 22:45h’”? A informação, aqui, comunicável para cada um, situa-se do lado da significação. Em compensação, o que quero dizer falando para vocês: “são 22:45h”? Do lado do sentido, será que disse isso para fazer vocês compreenderem a distinção entre sentido e significação? Ou porque já são 22:45h, e não terei jamais tempo para dizer tudo o que eu havia preparado? Ou será porque são somente 22:45h e eu tenho de me apressar para que isso acabe? E por que lhes disse que são 22:45h se não são 22:45h? Será que me enganei? Ou é para induzi-los ao erro?”.

A significação jamais responde completamente a “o que isso quer dizer?”, há, mais além, sempre um espaço para o sentido: é o que é da ordem da enunciação, a saber, o que isso diz para além da significação? Dito de outra forma, o que o locutor quer, no sentido do desejo, “o que é que ele quer com o que ele me diz?”. O sentido implica que todo ouvinte e intérprete do desejo do locutor.

Metáfora e gozo, ou do sentido ao não sentido

Então, há uma significação, e há o sentido. A interpretação visa os dois, visa restituir uma significação, um enunciado, mas notemos que a enunciação também se interpreta, pela decifração, porque ela é feita com as leis da metáfora e da metonímia, com a linguagem como estrutura.

E, no fundo, se podemos caracterizar um primeiro período do ensino de Lacan, aquele inaugurado pelo “Relatório de Roma”, pela dialética do sujeito e pelo sintoma concebido como fala a liberar, um segundo período desse ensino se abre com “A instância da letra no inconsciente”, em 1957, e prossegue, passando pelo Seminário 11, até o fim dos anos 60. Lacan coloca propõe, nesse contexto, não mais a dialética, mas a subversão do sujeito, e ele a aborda pelo sintoma a partir do sentido e a partir da estrutura da linguagem: é o sintoma como metáfora na qual se agarra um gozo paradoxal.

É seu caráter de substituição significante, substituição de um significante por outro, ou seja, de metáfora, que Lacan então valoriza no sintoma. Um significante vem se substituir a um outro, primeiro, mas que não pode aceder à consciência do sujeito porque ele é o representante de uma representação inconciliável, e, portanto, recalcada. Na álgebra lacaniana, isso se escreve S_1/S_2 .

A estrutura do sintoma e a do inconsciente são homogêneas. O inconsciente, Lacan o formula e não cessa de demonstrá-lo em seu ensino, é estruturado como uma linguagem. O sintoma como metáfora, o desejo como metonímia são assim inscritos de modos diferentes nas cadeias significantes que constituem o saber inconsciente. O sintoma aparece aí como mensagem cifrada: a cifra é exatamente uma substituição, ou seja, uma metáfora. A decifração é a restituição e a atualização da cadeia significante entre o significante enigmático S_2 , que mascara o *trauma*, e S_1 , recalcado, ao qual ele vem se substituir; a decifração libera a significação inacessível ao sujeito.

No mesmo tempo que acentua a estrutura da metáfora, Lacan desloca o recalque do significado para o significante. É um significante que é recalcado, e vem substituir, assim, um significante latente que constitui o sintoma^{xvii}.

O sintoma, assim articulado na linguagem como estrutura e tomado na materialidade do significante, não deixa de trazer para o sujeito uma forma de satisfação problemática, paradoxal.

Lacan introduz, quanto a essa satisfação paradoxal, a categoria da impossibilidade do real do sexo para marcar que o sintoma, embora tão pouco satisfatório nele mesmo, é o lugar no qual o neurótico encontra seu gozo, em uma relação da qual ele se queixa mas que desconhece. O sintoma indica, portanto, uma anomalia, alguma coisa que não anda no campo do real – do sexo^{xviii}. “O sintoma, em sua natureza, é gozo”, acrescenta Lacan^{xix}.

O sentido sexual do sintoma, proposto por Freud, encontra aí sua lógica: o efeito da linguagem sobre o registro instintual, não o esqueçamos, é de despedaçar o gozo. E o sintoma, como metáfora, coloca sempre em jogo dois significantes: o termo que evoca a questão do gozo – o problema da sexualidade, mesmo o do *trauma* sexual, no qual se fixa o gozo – e o termo que representa a resposta do sujeito em relação à questão do gozo. É por isso que a interpretação, que visa o sentido, não somente encontra o sentido sexual, mas encontra o choque do gozo com o que ele vem descobrir; seu efeito é “de isolar no sujeito, um centro, um *kern*, para nos exprimirmos como Freud, de não-sentido”, tal como diz Lacan no Seminário 11^{xx}.

“A interpretação não está aberta a todos os sentidos” – é o que vimos com o exemplo do esquecimento de *aliquis* –, e Lacan acrescenta: ela “é uma interpretação significativa, e que não deve ser falha. Ainda assim, não é que essa significação seja, para advento do sujeito, essencial. O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – sem sentido, irreduzível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado”^{xxi}.

É o que ele demonstra em sua elaboração da alienação – a escolha forçada do sentido –, mas que subsiste “apenas solapado dessa parte de sem-sentido que é, propriamente falando, o que constitui, na realização do sujeito, o inconsciente”^{xxii}.

Ao inconsciente como fala onde se descobre em todos os lugares o sentido – que é, a princípio, sentido sexual –, mas para fracassar sobre o sem-sentido da relação sexual, ponto de choque estrutural, ou, pior, ao se encontrar depreciado quanto ao bom senso comum, Lacan opõe a estrutura da linguagem do inconsciente, mensagem cifrada constituída da matéria significante pura, onde se revela, na metáfora e na metonímia, o gozo apreendido nos desfiladeiros do significante. A cadeia significante aparece aí bem mais como cadeia de gozo-sentido^{xxiii} – e não de sentido. É nesses termos, que eu pego

emprestado aqui de *Televisão*^{xxiv}, que Lacan nos conduz à subversão radical da descoberta freudiana: ou seja, trata-se no sintoma de um gozo do qual o sujeito não quer nada saber.

Gozar do inconsciente

Então, é preciso apreender que essa evolução do estatuto do sintoma é correlativa do esforço de Lacan, nessa época marcada pelo seminário *A ética da Psicanálise*, para conjugar a dimensão universal da linguagem como estrutura e o particular do gozo. Este esforço o levou, igualmente, a deslocar o estatuto do Outro.

O Outro como estrutura é prévio, já está lá desde sempre; o significante preexiste ao sujeito, o sujeito desde antes de seu nascimento é capturado pelo significante, capturado no discurso e no desejo do Outro. O Outro como universal, como estrutura, acomoda o conceito do desejo. O desejo, qualquer que seja sua particularidade, é de início desejo de desejo, desejo do universal, desejo de reconhecimento no universal, e portanto é perfeitamente situável na metonímia da cadeia significante.

O gozo supõe uma particularidade irreduzível, um absoluto particular, um absoluto patológico, para retomar um termo de J.-A. Miller, que sublinhava precisamente que os seminários *A ética* e *A transferência* marcam no ensinamento de Lacan uma transformação profunda do Outro que, de conceito construído sob o reconhecimento e a lógica do sentido, torna-se um conceito complexo organizado em torno de um cerne, de um vacúolo de gozo que se aloja aí em um ponto de extimidade, aí onde o significante falta, mas onde o objeto pode vir como uma rolha. Aí se situa a movimentação que opera Lacan então, passando assim de uma axiomática do desejo, ou seja, de um ponto de partida no Outro, a uma axiomática do gozo fundamentalmente autista.

A primeira se apóia no sentido, no sentido gozado, que permanece do lado da cadeia significante e do saber que ali se aloja. O segundo se sustenta da letra que permanece fora da cadeia, fixadora e condensadora de um gozo opaco.

Há um irreduzível, um irreduzível ao sentido, que se tem a ver com o gozo; eis que somos reconduzidos à questão: não é tudo do inconsciente que pode passar ao significante e, portanto, ao saber?

Não esqueçamos que Freud já se choca com o irreduzível. Ele o nomeia, por exemplo, o umbigo do sonho – é esse ponto no qual não podemos ir mais longe na análise de um sonho, no qual resta um elemento, um ponto de estranheza radical que resiste. Mas Freud igualmente o nomeia, a propósito da experiência analítica, como o rochedo da castração, ponto contra o qual toda análise se choca e faz limite.

Há, portanto, o irreduzível, o inalisável: um resto irreduzível no inconsciente, que não pode ser absorvido em um saber.

Aliás, felizmente! Se tudo do inconsciente pudesse ser levado para o nível de um saber consciente, o que permaneceria do sujeito? Nada. Ora, permanece ao menos o rastro irreduzível do que ele perdeu, a barra.

Ou, para dizê-lo de outra forma, pode haver um sujeito sem perda, sem que seu acesso à linguagem seja pago por uma perda irreduzível? A castração é isto: só acedemos à linguagem, portanto, “ao mundo humano”, a preço de uma perda, aquela do acesso imediato, quer dizer, sem mediação do significante, do conceito, à própria Coisa. Eis aí um ponto absolutamente essencial, é uma necessidade de estrutura.

É justamente aí que Lacan opera um avanço teórico que lhe permite ultrapassar o ponto contra o qual Freud se chocou. Ele inventa o que ele chama de objeto *a*, que é precisamente este resto não simbolizável, irreduzível ao significante, incomensurável ao significante.

O trabalho teórico de Lacan visa a dar a esse irreduzível seu lugar estrutural – na dimensão do ser, na fantasia, no sintoma, nas estruturas de discurso – para dar conta em razão da experiência analítica. Esse avanço o leva a distinguir, mais radicalmente ainda que Freud, o legível e o não-legível, o saber inconsciente analisável e o inconsciente irreduzível, e a articular essas duas vertentes do inconsciente com o gozo do sintoma no qual se compraz o sujeito.

Essa não é uma articulação simples, ela não é simplesmente binária; lembremos que, no extremo de seu ensino, Lacan tenta introduzir uma só escrita para S_1 e *a*, pelo acúmulo do sujeito como sujeito barrado do significante e sujeito dividido do gozo. Esse esforço para escrever, com um só traço, o significante e o gozo é o sintoma: é o sintoma que representa o sujeito, e o fim da análise pode ser concebido como uma identificação ao sintoma. A distinção entre fantasma como fixidez do gozo e do sintoma como efeito

do significante se encontra assim ultrapassada no deslocamento do conceito de sintoma que Lacan opera a partir do *Seminário* sobre Joyce; lembro aqui esta passagem^{xxv}: “reduzi o sintoma a responder não à elucubração do inconsciente” – ou seja, o sintoma não é uma formação do inconsciente – “mas à realidade do inconsciente” – que é sexual: o sintoma é o real que responde a isso; o sintoma é então definido por Lacan como a maneira “com que cada um goza do inconsciente, na medida que o inconsciente o determina”^{xxvi}. Reconhecemos aí o que ele já indicava no fim de seu *Seminário Mais Ainda*^{xxvii}: o inconsciente é feito de *lalíngua*, é um *savoir-faire* com ela, é um saber que repousa no abrigo dessa *lalíngua* que serve de receptáculo ao gozo, e é nisso que o inconsciente é um saber cujo exercício só pode representar um gozo. A cifragem constituída pela materialidade dos elementos significantes que é o inconsciente é, portanto, uma cifragem de gozo; o inconsciente, diz Lacan, em “Radiofonia”, faz passar o gozo à contabilidade^{xxviii}.

A interpretação, a partir de então, mais do que alimentar o sintoma de sentido, visa um saber sobre o gozo, visa a cingir o objeto, a tornar possível a extração, a mutação, até mesmo a queda do gozo, e opera, no equívoco, pela abolição do sentido.

Estamos longe da relação de compreensão de Jaspers, cujas incoerências Lacan criticava desde “Função e campo da fala e da linguagem”. Se o inconsciente tem um sentido, não é na miragem de uma psicogênese sustentada pela compreensão, mas nas consequências de sua estrutura, que é de linguagem – com que o gozo se aparata.

Também, como dizia Lacan em Louvain, em 1972, “o discurso psicanalítico não implica, de forma alguma, dar um sentido à vida”^{xxix}. Apenas quando o sujeito descobre, mais além do sentido, em seu discurso, os modos de gozo aos quais ele está assujeitado, apenas ao cingi-los que ele lhes capta os impasses e leva em conta o impossível que aí se manifesta, é apenas no fundo e no desvio que ele consente em apreender do gozo que seu desejo pode acabar liberado disso. É o que orienta o ato analítico.

ⁱ Texto publicado originalmente em : *La cause freudienne*. Revue de Psychanalyse. Paris, n. 50, p. 113-122, février 2002. Esta tradução foi também inicialmente publicada na revista *Plural* (n. 24, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC), com autorização do autor. Tradução : Andréa Maris Campos Guerra. Revisão da Tradução : Sérgio Laia.

ⁱⁱ Analista Membro da Escola (A.M.E.) pela *École de la Cause Freudienne*, Membro da *Association Mondiale de Psychanalyse*, Engenheiro e Arquiteto. E-mail skriab@easynet.fr

ⁱⁱⁱ LACAN, J. Le Séminaire. Livre XXVII. *Ornicar?*, no. 20/21, 1980, p. 12 (“Dissolution”, lição de 24 janeiro de 1980).

-
- ^{iv} N.T.: Optamos por manter as palavras *seau*, *lit*, *sot*, *saut*, *sceau* e mesmo *Sceaux* também em francês porque a preponderância do significante sobre o significado, sem o recurso do som da pronúncia desses termos no contexto original, se perderia e comprometeria a argumentação. Trata-se, de fato, do recurso que encontramos nesses jogos do tipo “carta enigmática” onde a imagem de alguma coisa deve ser revertida na palavra que a designa para que, assim, possa haver leitura.
- ^v LACAN, J. *Le séminaire. Livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973, p. 257.
- ^{vi} LACAN, J. Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 799.
- ^{vii} FREUD, S. *Psychopathologie de la vie quotidienne*. Paris: Payot, 1967, p. 15-21.
- ^{viii} LACAN, J. Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien, p. 800 e 803.
- ^{ix} LACAN, J. La méprise du sujet supposé savoir. *Autres écrits*. Paris : Seuil, 2001, p. 334-335.
- ^x LACAN, J. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. *Ecrits...*, p. 280-281.
- ^{xi} *Idem*, p. 269.
- ^{xii} *Idem*, p. 281.
- ^{xiii} N.T. : No original, *message en souffrance*, expressão francesa que designa uma « mensagem extraviada », mas que, também, nos permite ler, em *en souffrance*, uma menção ao « sofrimento » relacionado ao sintoma.
- ^{xiv} LACAN, J. Position de l’inconscient. *Ecrits...*, p. 830.
- ^{xv} LACAN, J. Subversion du sujet...”. *Ecrits...*, p. 805.
- ^{xvi} LACAN, J. *Le séminaire. Livre III: les psychoses*. Paris: Seuil, 1981, p. 297-298.
- ^{xvii} LACAN, J. *Le séminaire. Livre VI: le désir et son interprétation* (1958-1959), lição do dia 7 de janeiro de 1959, inédito.
- ^{xviii} LACAN, J. *Le séminaire. Livre XXII: R.S.I. (1974-1975). Ornicar?* Paris, n.4, p. 105-106, lição do dia 18 de fevereiro de 1975.
- ^{xix} LACAN, J. *Le séminaire. Livre X: l’angoisse* (1962-1963), lição do dia 23 de janeiro de 1963, inédito. Nota do Revisor da Tradução (N.R.T.): Este Seminário já se encontra publicado e traduzido no Brasil, pela Jorge Zahar Editor, em data posterior àquela em que Skriabine escreveu este texto.
- ^{xx} LACAN, J. *Le séminaire. Livre XI...*, p. 226.
- ^{xxi} *Idem*.
- ^{xxii} *Ibid.*, p. 192.
- ^{xxiii} N.R.T. : No original *jouis-sence*, termo que pode ser lido como « gozo » (*jouissance*), mas que também comporta homofonicamente a menção ao verbo gozar (« gozo », « goza », *jouis*) e ao substantivo « sentido » (*sense*).
- ^{xxiv} LACAN, J. *Television. Autres écrits...*, p. 517.
- ^{xxv} LACAN, J. *Le séminaire. Livre XXIII: Le sinthome* (1975-1976). *Ornicar?* Paris, n. 10, p. 12, lição do dia 13 de abril de 1976.
- ^{xxvi} LACAN, J. *Le séminaire. Livre XXII: R.S.I...*, p. 106.
- ^{xxvii} LACAN, J. *Le séminaire. Livre XX: encore*. Paris: Seuil, 1975, p. 126-127.
- ^{xxviii} LACAN, J. *Radiophonie. Autres écrits...*, p. 72.
- ^{xxix} LACAN, J. *Discours à Louvain, le 13 octobre 1972*”. *Quarto*, n. 3, 1981, p. 10-11.